

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado do Paraná Class.: Xetá

Data: 26/04/89 Pg.: XTR 00001

O extermínio de "Todos Nós"

Foto: Luiz F. Singhen



Rondon: o último dos Xetás pouco sabe de seu povo.

Adélia Maria Lopes

"Deixa a gente turista, mas aconteceu". É, assim, com um sentimento fatalista que Rondon Xetá, um índio de 24 anos, comenta o extermínio da nação Xetá. Não há revolta aparente. Rondon é o mais jovem dos quatro últimos sobreviventes de um povo descoberto na Serra de Dourados, na época do desbravamento do Norte paranaense.

Aculturado, trabalha como auxiliar de enfermagem na reserva de Chapecó, em Xanxerê, com ele praticamente termina a linhagem de uma nação exterminada antes mesmo de ser pesquisada. Ao ser descoberta, na década de 50, a tribo cultivava hábitos da Idade da Pedra. Rondon esteve em Curitiba na semana passada, participando dos festejos dedicados ao dia do Índio.

Rondon casou-se com uma índia Caingang. Não tem filhos: adotou uma menina Guarani. Tem um irmão, Tikoen, que é policial militar em Guarapuava. É casado com uma branca. Há um tio, solteiro, e bastante velho. Um primo, que mora na reserva do Rio das Cobras (PR), também é casado com uma Caingang. Resta uma mulher Xetá. A tia de Rondon. Mas ela é sexagenária. Hana mora na reserva de Palmeirinha, onde cuida de duas filhas: as duas são Guarani.

Os tios são os únicos que ainda falam um pouco o idioma original, o suficiente apenas para Rondon recordar-se que "Xetá" significa "Todos nós" e que a nomenclatura brasileira é errada. O correto, como o estudioso Vladimir Kozák já havia descoberto; é confirmado por Rondon: "Hetá".

Já estava na reserva da Funai em Guarapuava quando nasceu Rondon, ganhando este nome de um casal de enfermeiros que o criou. "Sei que me batizaram em homenagem a um marechal", diz Rondon, que não conheceu Arikari e Uiraci, seus pais. Em

contato com os brancos e desprovidos de seu habitat original, os Xetás foram assim morrendo.

"Meu tio — diz Rondon — contava que eles morreram por comer sal. Os Xetá não conheciam o sal. Também pegaram doenças e no mato não tinha recursos".

Sem nunca ter dado entrevistas para jornais, Rondon — aliás como a maioria dos indígenas intimidados com os flashes e a presença constante de estranhos — é de poucas palavras. Chegou a ser insultado por um desconhecido (um sujeito de barba, louro e branqueio) quando era entrevistado. Ele fingiu não ouvir o tal sujeito chamar os índios de ricos e vagabundos. Funcionários da Funai deram um jeito de arrancar o importuno das minhas vistas.

Rondon — a entrevista prossegue — conseguiu terminar o 1º grau, "estudando um pouquinho em Palmas, outro pouquinho em Ortigueira e mais um pouquinho em Chapecó". Em casa, quando sobra tempo, gosta de ver filmes na televisão. Tem título de eleitor, mas não sabe ainda em quem votar para presidente. "Espero que algum candidato possa se interessar pelos índios", observa após grande insistência na questão. Sua maior preocupação no momento é conseguir transferência de reserva através da Funai. "Quero — conta — voltar ao Paraná e ficar perto dos parentes".

Rondon Xetá, agora, assistirá pela primeira vez o documentário "O mundo perdido de Kozák", filme premiadíssimo de Fernando Severo. Dezenas de pessoas estão ali na assistência. Uma das cenas mostra os Xetás quando foram filmados por Kozák para a equipe de pesquisadores do professor Loureiro. A platéia de bairro reage com risadas à visão dos índios nus, lascando pedra para fazer utensílios em pleno século XX. Rondon finge não perceber a ignorância. O filme acaba, mas fica a sensação que o extermínio continua.

Um casal de Xetá: hábitos da Idade da Pedra.

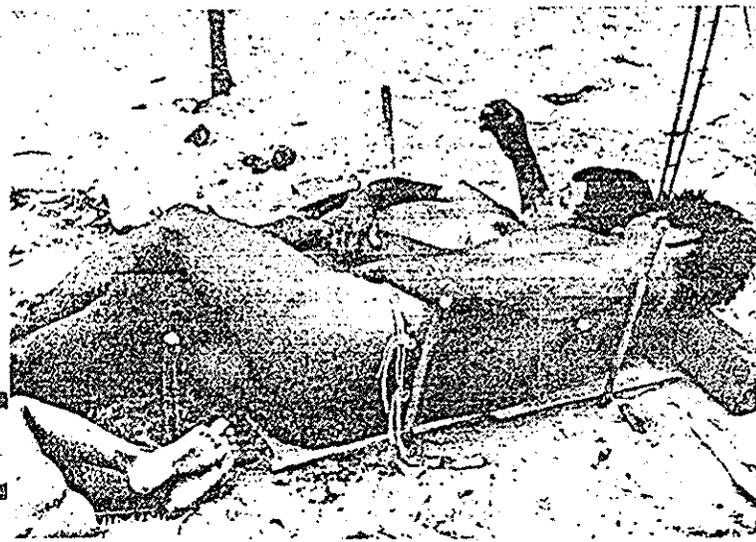


Foto: Kozák/Arquivo